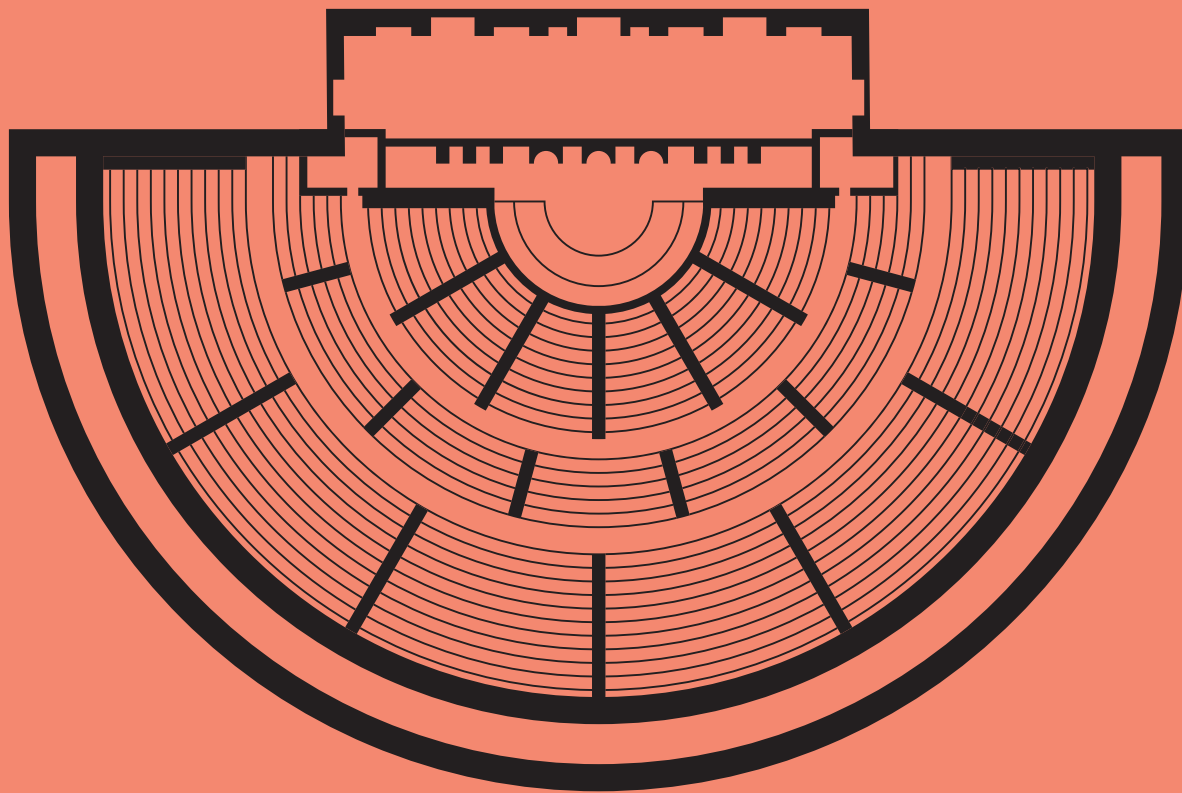


VI

MMXXV - 2025

SCAENA

REVISTA DO MUSEU DE LISBOA - TEATRO ROMANO



— ATAS DO CONGRESSO INTERNACIONAL —
EDIFÍCIOS DE ESPECTÁCULO
NA LUSITÂNIA ROMANA





VOLUME VI

MMXXV - 2025

SCAENA

REVISTA DO MUSEU DE LISBOA - TEATRO ROMANO

– ATAS DO CONGRESSO INTERNACIONAL –
EDIFÍCIOS DE ESPECTÁCULO
NA LUSITÂNIA ROMANA

ÍNDICE

EDITORIAL

Congresso internacional edifícios de espetáculo na Lusitânia romana 24 e 25 de março 2023 Joana Sousa Monteiro	5
O porquê de um congresso sobre edifícios de espetáculos romanos da Lusitânia? Lídia Fernandes	7

PROGRAMA

Programa do Congresso Edifícios de Espetáculo na Lusitânia Romana	11
--	----

ARTIGOS

17

Edifícios romanos de espectáculos en <i>Lusitania</i> Trinidad Nogales Basarrate	18
---	----

Metellinum

Edifícios de espectáculos públicos Santiago Guerra Millán	46
--	----

Análisis arqueológico del teatro y anfiteatro de <i>Augusta Emerita</i> a la luz de las nuevas investigaciones Pedro Mateos Cruz	66
--	----

Costes y mecenazgo en los teatros romanos Algunas consideraciones Patrizio Pensabene, Javier Á. Domingo	88
---	----

El trazado vitruviano como mecanismo predictivo de las estructuras teatrales romanas Salvador Lara Ortega	110
---	-----

Singularidades e diversidades da edificação cénica O caso do teatro romano de Lisboa Lídia Fernandes, Carolina Grilo, Patrícia Brum	132
---	-----

O teatro romano de <i>Bracara Augusta</i> Manuela Martins, Ricardo Mar, Fernanda Magalhães	148
---	-----

Anfiteatro de <i>Ammaia</i> (Marvão) Um novo edifício lúdico na Lusitânia - CNS 300 / IPA.00001844 Carlos Fabião, Nova Barrero Martín, Amílcar Guerra, Trinidad Nogales Basarrate, Catarina Viegas, José Maria Murciano, Joaquim Carvalho	166
---	-----

Mais a norte, na Lusitânia O anfiteatro da <i>splendidissima civitas</i> (Bobadela, Oliveira do Hospital) Rui M. Silva, Pedro C. Carvalho	186
---	-----

Os edifícios de espetáculo em Conimbriga Problemáticas e desafios Vítor Dias, Virgílio Hipólito Correia, José Ruivo, Ricardo Costeira da Silva, Filipe Ferreira	202
El anfiteatro de Cáparra Ana María Bejarano Osorio	216
El circo romano de Mérida Rocío Ayerbe Vélez, Félix Palma García	236
O circo, chamado “hipódromo”, de Mirobriga (Santiago do Cacém) História da investigação e trabalhos recentes Felix Teichner, Filomena Barata, José Carlos Quaresma	250
Circo romano de Lisboa Implantação e devir urbanístico Lídia Fernandes, Carlos Cabral Loureiro	264
POSTERS	285
Representaciones lúdicas sobre lucernas en Augusta Emerita (Badajoz, España) Alejandro González Blas	286
Una relectura de la denominada “casa del anfiteatro” de Augusta Emerita (Mérida, España) ¿Domus privada o edificio al servicio de los <i>ludi</i> ? Ana María Bejarano Osorio, Macarena Bustamante-Álvarez	298
As realidades servis da Lusitânia romana Um olhar epigráfico sobre os edifícios de espetáculo Sílvia Teixeira	316
Primeiros indícios arqueológicos do (Anfi)Teatro Romano de Évora? As estruturas do Palácio do Vimioso Leonor Rocha	326
O projeto Górgona – Corpus de litotipos de revestimento ornamental na Lusitânia Enquadramento histórico-arqueológico Lídia Fernandes, Carolina Grilo, Patrícia Brum, Jorge Sequeira, Manuel Francisco Costa Pereira	338
A conservação e restauro e a tecnologia da escultura em prol da Arqueologia Experimental - Que cores Pintaram o Teatro Romano? - Marta Frade	356
A maquete do Teatro Romano de Lisboa Carlos Cabral Loureiro	364
ABSTRACTS	373



CONGRESSO INTERNACIONAL EDIFÍCIOS DE ESPETÁCULO NA LUSITÂNIA ROMANA 24 E 25 DE MARÇO 2023

Joana Sousa Monteiro
Museu de Lisboa, Diretora do Museu de Lisboa

Por iniciativa da equipa do Museu de Lisboa que coordena cientificamente o museu dedicado ao Teatro Romano de Lisboa, teve lugar em março de 2023 o primeiro congresso internacional dedicado aos *Edifícios de Espetáculo na Lusitânia Romana*. Tratou-se de um momento muito enriquecedor de partilha de conhecimento resultante de linhas de investigação histórica e de recentes escavações arqueológicas, tanto de âmbito académico como museológico. Este evento contou com a participação de representantes do Museo Nacional de Arte Romano de Mérida, da Direção de Museus e Património da Junta da Extremadura, da Fundação Cidade da Ammaia, do Instituto de Arqueologia de Mérida e do Museu de Lisboa. A estes somaram-se os contributos de especialistas das Universidades de Roma, de Santa Croce, de Valência, do Minho, de Lisboa, de Coimbra, do Porto, e de Évora, e, ainda, da Escola Espanhola de História e Arqueologia em Roma. Este amplo espectro de participantes no congresso, assim como dos autores deste livro, possibilita uma significativa representação geográfica, não apenas da Lusitânia correspondente a parte da atual Península Ibérica, mas também de Itália, assim como assegura uma densificação notável de perspetivas científicas que se complementam.

Com a presente publicação, criamos a oportunidade da perpetuação em suporte editorial de muitos dos dados e perspetivas críticas apresentados no congresso, assim como das reflexões que resultaram do debate, da troca de ideias e da partilha de novas informações. Trata-se agora de uma divulgação mais ampla do que hoje é possível saber sobre a importância material, política e simbólica de edifícios de espetáculos Lusitânia Romana, incluindo teatros, anfiteatros e circos, as características construtivas e urbanísticas que seguiam um modelo comum, assim como as especificidades de casos particulares de acordo com a configuração do terreno, os recursos naturais ou o posicionamento estratégico. Agradecemos a todos os que organizaram e contribuíram para a elevada qualidade científica da presente publicação, desejando que esta seja também de interesse para públicos não especializados promovendo, assim, a curiosidade e o interesse pelo património romano e pela história da Lusitânia.



O PORQUÊ DE UM CONGRESSO SOBRE EDIFÍCIOS DE ESPETÁCULOS ROMANOS DA LUSITÂNIA?

Lídia Fernandes

Coordenadora do Museu de Lisboa – Teatro Romano

Desde há muito que a realização de congressos sobre temas específicos de arqueologia tem impulsionado a publicação de monografias e de estudos circunstanciados. Ultimamente, mercê de um maior interesse dado a estes temas - que é simultaneamente causa/efeito dos crescentes estudos que têm vindo a ser realizados - assiste-se a uma especialização temática e, simultaneamente, a uma amplitude geográfica de estudos.

Este tipo de encontros, suscitando a publicação de atas, continua a representar um papel fundamental na atualização do conhecimento. Novos estudos e intervenções arqueológicas têm-se multiplicado um pouco por todo o lado e as perspetivas de investigação têm vindo a cotejar diferentes casos de estudo, multiplicando paralelos e tentando perceber influências subjacentes. Esta globalização da investigação permite entender o fenómeno da Romanização, aculturação ou, como designava em tempos Jorge de Alarcão, de crioulização, de um modo mais completo, pois o Império sendo apenas um, foi sendo sempre o somatório das suas partes.

Pareceu-nos, pois, pertinente, a realização de um congresso que analisasse, no seu conjunto, os vários tipos de edifícios de espetáculo, temática relevante pois tais edifícios são sempre a tradução e a afirmação do poder e uma veiculação de mensagens globais dos decisores de Roma.

A província romana da Lusitânia é, assim, analisada na sua globalidade e individualmente. A comparação com edifícios similares por todo o império seria naturalmente relevante, mas é igualmente interessante perceber os pontos de união entre os onze edifícios públicos de espetáculo que aqui se analisam: três teatros, cinco anfiteatros e três circos. Decerto o seu número seria substancialmente maior como, provavelmente, teremos oportunidade de constatar no decurso deste encontro. Simultaneamente, procurou-se obter uma visão mais transversal sobre este tipo de edifícios, quer no que respeita a aspetos técnicos, sistemas e modos construtivos, quer quanto a custos associados à sua edificação.

Além dos espaços de espetáculo da Lusitânia, incluímos igualmente o teatro de Braga o qual, ainda que integrado administrativamente na província romana da Tarraconense, não deixa, pela sua proximidade, de estabelecer interessantes pontos de ligação com o território provincial contíguo.

De relembrar aqui o primeiro congresso deste tipo celebrado em Mérida em 1980 *El Teatro en la Hispania Romana*, levado a cabo por José Alvarez Martínez, e a publicação posterior das respetivas atas, assim como o Seminário sobre teatros romanos da Hispania que teve lugar em Cartagena em 1993 pela mão de Sebastián Ramallo e do Arqtº Félix Santiuste, suscitando a publicação, no mesmo ano, do 2º volume dos *Cuadernos de Arquitectura Romana*, editado pela Universidade de Múrcia.

A relevância daquele curso e o local da sua realização, Cartagena, foram aspetos determinantes para esta cidade tendo a identificação do teatro romano em 1988, tido um papel fundamental para o desenvolvimento desta urbe, promovendo a reconversão patrimonial e urbanística e motivando a sua própria redefinição. A arqueologia foi o mote para a transformação urbana, mas também social e económica da antiga *Carthago Nova*, hoje profundamente distinta e representando um caso de sucesso de reabilitação urbana onde surgem, constantemente, novos pontos de interesse, como o Cerro del Molinete ou o Museo Nacional de Arqueologia Subaquática.

Também os restantes edifícios de espetáculo, além dos teatros, têm sido objeto de publicações monográficas, como ocorreu em 1995 com o volume *El Anfiteatro en la Hispania Romana* ou, em 2001 com o congresso e respetivas atas *El Circo en la Hispania Romana*, pela mão de Trinidad Nogales Basarrate. O papel do Museo Nacional de Arte Romano tem, aliás, sido fundamental na promoção deste tipo de congressos e é com imenso agrado que, desta vez, seja o Museu de Lisboa – Teatro Romano a levar a cabo um congresso de síntese sobre os edifícios de espetáculo da província romana da Lusitânia.

Aos sítios arqueológicos não basta a sua relevância patrimonial e histórica. A sua manutenção e preservação nas cidades atuais, vivas e dinâmicas, exige a reabilitação de tais espaços perspetivados de uma forma global. Mais do que objetos arquitetónicos que se adicionam ao tecido construído, há que entendê-los como elementos fulcrais que dão o mote e impulsionam a regeneração do tecido urbano.

A este propósito, o Museu de Lisboa – Teatro Romano organizou nos meses de abril, maio e junho de 2023 – e na sequência da celebração do congresso sobre edifícios de espetáculo - um ciclo de palestras com o título *Desafios de Expor o Passado – Sobre a Musealização de Sítios Arqueológicos*. Num total de seis palestras, abordou-se este tema, cada vez mais premente perante a diversidade de soluções e crescente número de casos. Com especial satisfação quis o Centro de Arqueologia de Almada associar-se a esta iniciativa através da publicação na Revista *Almadan* dos contributos dos vários investigadores que participaram neste

ciclo de palestras, volume apresentado publicamente em novembro de 2023 no Museu de Lisboa – Teatro Romano. Agradecemos o interesse do Diretor da Revista, Jorge Raposo, pelo manifesto interesse na publicação destes contributos numa revista de tão grande divulgação como é a *Almadan*.

O património arqueológico pode e deve ser [também] o impulsionador da renovação das cidades e, especialmente o seu critério diferenciador que é, afinal, a essência da sua identidade. O atual uso, ou reuso destes espaços, constitui um tema cada vez mais premente pela massificação turística de alguns destes sítios arqueológicos, mas pode igualmente traduzir a legitimação da função original destes monumentos e da sua dignificação.

Não poderia deixar de agradecer a todos os que responderam de imediato a este desafio. Num momento em que as solicitações aumentam exponencialmente de dia para dia, é com imensa satisfação que foi possível congregar um conjunto tão relevante de investigadores.

Uma palavra especial à Comissão Científica deste congresso: André Carneiro, António Pizzo, Giulia Rossi Vairo, Pedro Alarcão, Trinidad Nogales e Vasco Gil Mantas que nos apoiaram e auxiliaram na concretização deste projeto. Um agradecimento a toda a equipa do teatro romano, um conjunto de 10 pessoas que, todos os dias, permite abrir ao público um sítio arqueológico que acolhe milhares de visitantes e que aguarda, desde há muito, a requalificação do espaço arquitetónico que protege o monumento romano. Um obrigada especial a Carolina Grilo, Mónica Gomes e Patrícia Brum que, de forma mais próxima ajudaram à concretização de mais este projeto do Museu e, de igual modo a Cristiana Ameixinha investigadora e antiga estagiária do museu que deu um enorme contributo na logística do congresso.

Por fim, um especial obrigado ao Museu do Fado e à sua diretora, Sara Pereira, pelo apoio concedido na realização do congresso que decorreu no auditório deste equipamento.

Só se protege o que conhece e só se conhece o que se entende e se reconhece o valor. Este congresso é feito pelos investigadores que sobre o tema têm, alguns deles, dedicado grande parte da sua vida, mas é, em especial, dedicado a todos os que não são especialistas, a todos os que querem conhecer mais sobre o seu passado e, igualmente, sobre o futuro do seu património, o futuro das suas cidades e sobre a sua própria identidade.



- ▲ Teatros
- Anfiteatros
- Circos



PROGRAMA
DO CONGRESSO

EDIFÍCIOS
DE ESPETÁCULO
NA LUSITÂNIA
ROMANA

24 — 25 MARÇO 2023

24 MARÇO 2023

Museu do Fado (Largo Chafariz de Dentro 1)

10H30
RECEÇÃO AOS
PARTICIPANTES

11H
SESSÃO DE
ABERTURA

11H30
EDIFÍCIOS ROMANOS
DE ESPECTÁCULOS
EN *LUSITANIA*

Trinidad Nogales Basarrate

12H10
METELLINUM
Pasado, presente y futuro
de su teatro romano

Santiago Guerra Millàn

12H40
ANÁLISIS
ARQUEOLÓGICO
DEL TEATRO
Y ANFITEATRO
DE *AUGUSTA*
EMERITA A LA LUZ
DE LAS NUEVAS
INVESTIGACIONES

Pedro Mateos Cruz

13H10
DEBATE

13H30
ALMOÇO

15H
COSTI E
COMMITTENZE
NEI TEATRI ROMANI

Alcune considerazioni

Patrizio Pensabene,
Javier Á. Domingo

15H30
EL TRAZADO
VITRUVIANO
COMO MECANISMO
PREDICTIVO DE
LAS ESTRUCTURAS
TEATRALES
ROMANAS

Salvador Lara

16H
SINGULARIDADES
E DIVERSIDADES DA
EDIFICAÇÃO CÉNICA
O caso do teatro romano
de Lisboa

Lídia Fernandes, Carolina Grilo,
Patrícia Brum

16H30
DEBATE

17H
APRESENTAÇÃO
DE POSTERS

Representaciones lúdicas sobre
lucernas en *Augusta Emerita*
(Badajoz, España)

Una relectura de la denominada
“casa del anfiteatro” de *Augusta*
Emerita (Mérida, España)
¿*Domus* privada o edificio
al servicio de los *ludi*?

As realidades servis
da Lusitânia romana
Um olhar epigráfico sobre
os edifícios de espectáculo

Primeiros indícios
arqueológicos do (Anfi)Teatro
Romano de Évora?

As estruturas do Palácio do Vimioso

O projeto Górgona – *Corpus*
de litotipos de revestimento
ornamental na Lusitânia
Enquadramento
histórico-arqueológico

A conservação e restauro
e a tecnologia da escultura
em prol da Arqueologia
Experimental
- *Que cores Pintaram*
o Teatro Romano? -

A maquete do
Teatro Romano de Lisboa

17H30
VISITA AO TEATRO
ROMANO DE LISBOA E
MOSCATEL DE HONRA

19H
VISITA AO CASTELO
DE SÃO JORGE E ÁREA
ARQUEOLÓGICA

25 MARÇO 2023

Museu do Fado

10H

O TEATRO ROMANO DE BRAGA

Um teatro em descoberta

Manuela Martins

10H30

ANFITEATRO DE AMMAIA

C. Fabião, T. Nogales, N. Barrero, A. Guerra, J. Carvalho, J. M. Murciano, R. Sabio, C. Viegas, S. Borges, R. L. Machado, D. Moreno, J. Aires

11H

MAIS A NORTE, NA LUSITÂNIA

O anfiteatro da *splendidissima civitas*
(Bobadela, Oliveira do Hospital)

Pedro C. Carvalho, Rui Miguel Silva

11H30

PAUSA

11H50

OS EDIFÍCIOS DE ESPETÁCULO EM CONIMBRIGA

Problemáticas e desafios

Vítor Dias, José Ruivo, Virgílio Hipólito Correia, Ricardo Costeira da Silva, Filipe Ferreira

12H20

EL ANFITEATRO DE CÁPARRA

Estructura de un espacio lúdico en el suburbio de la ciudad

Ana María Bejarano Osorio

12H50

DEBATE

13H10

ALMOÇO

15H

CIRCO ROMANO DE MÉRIDA

Félix Palma, Raquel Nodar, Rocío Ayerbe

15H30

O QUE SE CONHECE DO CIRCO ROMANO DE MIRÓBRIGA

Filomena Barata, Félix Teichner, José Carlos Quaresma

16H

CIRCO ROMANO DE LISBOA

Implantação e devir urbanístico

Lídia Fernandes, Ana Vale, Carlos Loureiro

16H30

PAUSA

16H50

REUTILIZACIÓN Y SIGNIFICADO

Los edificios públicos para espectáculos de la Antigüedad

Francisco Juan Vidal

Texto não entregue para publicação

17H20

DEBATE

17H40

ARQUITECTURA PARA EL ESPECTÁCULO EN HISPANIA

Viejas cuestiones, nuevas propuestas

Sebastián Ramallo Asensio

Texto não entregue para publicação

REFLEXÕES FINAIS E ENCERRAMENTO DOS TRABALHOS

Sebastián Ramallo Asensio

Texto não entregue para publicação





Fotografias © José Avelar



ARTIGOS

OS EDIFÍCIOS DE ESPETÁCULO EM CONIMBRIGA

Problemáticas e desafios

Vítor Dias

Museu Nacional de Conimbriga
vitorsilvadias@gmail.com

**Virgílio Hipólito
Correia**

Museu Nacional de Conimbriga
Centro de Estudos Clássicos
e Humanísticos UC

José Ruivo

Museu Nacional de Conimbriga
jose.ruivo@conimbriga.pt

**Ricardo Costeira
da Silva**

Faculdade de Letras da
Universidade de Coimbra, CEIS20

Filipe Ferreira

Casa de Velázquez UAR3155 IRAA
fcerreira@hotmail.fr

Nos últimos anos, o desenvolvimento da investigação arqueológica com recurso a novas metodologias e abordagens interpretativas de edifícios e estruturas cuja funcionalidade é há muito discutida, motivou uma reflexão sobre a possibilidade da existência de um quarteirão lúdico no Vale Norte de Conimbriga. À existência, já confirmada, de um anfiteatro vem, agora, equacionar-se a possibilidade da presença de um edifício teatral.

I

Introdução

Em Conimbriga, os desenvolvimentos mais recentes sobre esta temática surgiram na sequência de um projeto de investigação recente: *Conimbriga MMXX: Avaliação do potencial científico e patrimonial do Vale Norte de Conimbriga*, fruto de uma oportuna colaboração entre o Museu Nacional de Conimbriga, a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e a Câmara Municipal de Condeixa-a-Nova. Uma série de ações desencadeadas a partir de 2021 tem como objetivo principal a avaliação do potencial científico e patrimonial dos principais edifícios localizados no Vale Norte de Conímbriga (e do respetivo índice de conservação), conduzindo à valorização desta zona marginalizada da cidade romana, visando a sua futura integração no circuito de visita e promovendo, simultaneamente, o alargamento do perímetro arqueológico enquanto parque urbano.

A atenção da equipa recaiu inicialmente sobre três áreas fulcrais: a zona norte da Casa dos Repuxos, a área do Viaduto e o Anfiteatro. Contudo, o desenvolvimento do trabalho de campo e a análise de uma série de dados, nomeadamente os entretanto fornecidos pela prospeção geofísica, levaram-nos a reequacionar algumas questões relacionadas com a hipotética existência de um quarteirão lúdico na cidade.

II

O anfiteatro de Conimbriga: estado da arte

O anfiteatro de Conimbriga foi formalmente identificado como tal em 1971. Conserva perfeitamente visíveis as entradas monumentais Oeste e Este, correspondentes ao eixo maior do edifício que teria, aproximadamente, 98 m de comprimento¹. Todavia, boa parte das estruturas do edifício estão enterradas e situadas em terrenos privados, pelo que o conhecimento que temos sobre a sua arquitetura e história construtiva é ainda relativamente limitado.

1 — Estão ainda por definir as dimensões do eixo menor, mas estima-se que fossem de aproximadamente 86 m.

O edifício foi construído no vale correspondente ao canhão flúvio-cárstico de Condeixa-a-Velha, aproveitando as condições topográficas do terreno. Subjaz-lhe a intenção de aproveitar o declive natural e reduzir ao mínimo a necessidade de construção de estruturas de grande envergadura². Índícios diretos e indiretos levam-nos a admitir como plausível uma cronologia cláudio-neroniana para a construção do edifício (Ruivo *et al.*, 2018, pp. 91-92; Ruivo, Correia & Roquinho, 2023, pp. 81-117).

Uma parte significativa da estrutura do edifício está destruída, nomeadamente a correspondente à *cavea* - fruto de uma demolição intencional que terá ocorrido ainda na Antiguidade, o mais tardar em finais do século III ou inícios do século IV, eventualmente associada à construção da muralha baixo-imperial³ - que o excluiu na quase totalidade do novo perímetro urbano. Materiais pétreos resultantes dessa demolição terão sido seguramente reutilizados na nova estrutura defensiva.

Não obstante, mantém-se ainda muito bem conservadas as entradas monumentais Oeste e Este, compostas por 3 arcos abobadados, hoje em dia total ou parcialmente entulhados. Na entrada Oeste os entulhos ultrapassam em aproximadamente 2 m os níveis primitivos de circulação. Do lado Este a entrada encontra-se debaixo de uma enorme camada de sedimentos, a rondar os 6 m de altura. É visível apenas o arco central⁴, no interior do qual passa uma linha de água correspondendo ao traçado dos esgotos que, na época romana, encanavam as águas pluviais e o saneamento das construções situadas na área Nordeste da cidade alto-imperial, nomeadamente da Casa dos Repuxos, e que passariam por baixo da arena do edifício. Com o abandono de toda essa área da cidade, o sistema de evacuação das águas pluviais teria acabado por colapsar, com o entupimento das cloacas, mas a orientação da linha de água manteve-se constante uma vez que corresponde à zona de maior encaixe do vale, tendo sido a responsável pela enorme deposição de sedimentos que hoje se observa. É bem possível que o muro de sustentação de terras atualmente visível na parte sul dos terrenos designados por Quintais de Condeixa-a-Velha tenha sido levantado sobre o muro do pódio, sendo a sua configuração ainda muito facilmente perceptível na observação *in loco*.

2 — Trata-se de uma prática bastante comum em monumentos deste tipo com o intuito de rentabilizar as vantagens oferecidas pela topografia: Jean-Claude Golvin (1988, p. 126, nº 101) nota as semelhanças com o anfiteatro de Saintes. Todavia, exemplos deste pragmatismo construtivo aplicado em maior ou menor escala não faltam, disseminados por todo o Império. No que às províncias hispânicas diz respeito poderemos apontar, sem qualquer pretensão de exaustividade, casos como o do recém-descoberto anfiteatro de Ammaia (https://www.nationalgeographic.pt/historia/o-anfiteatro-ammaia_2908), ou os de Bobadela (Frade e Portas, 1994, pp. 349-371), Cartago Nova (Pérez Ballester; San Martín Moro e Berrocal Caparrós, 1994, pp. 91-118), Segóbriga (Almagro e Almagro Gorbea, 1994, pp. 139-176), Itálica (Corzo Sánchez, 1994, pp. 187-211) e Augusta Emerita (Bendala Galán e Durán Cabello, 1994, pp. 247-264), entre outros.

3 — A construção da muralha é obrigatoriamente posterior à demolição do anfiteatro (cf. De Man, 2006-2007, pp. 62-63; Correia, 2019, p. 176). Só não sabemos quanto tempo mediou entre ambos os acontecimentos, embora se presuma que muito pouco.

4 — Acreditamos que a abóbada do arco do lado direito possa ter abatido, a julgar pela topografia do terreno.

Nas últimas três décadas, o edifício e a sua envolvente foram alvo de diversas intervenções arqueológicas pontuais (Fig. 1), concretamente em 1991-1992 (Correia, 1994, pp. 327-344), 2001 (Ruivo *et al.*, 2018, pp. 78-81), 2006/2012 (De Man, 2006-2007, pp. 59-67), 2013-2018 (Correia, 2019, pp. 167-178) e 2021 (Silva & Peça, 2021, pp. 57-65). Estes trabalhos permitiram coligir bastante informação, da qual foi apresentado um balanço ainda há não muito tempo por dois dos signatários (cf. Ruivo *et al.*, 2018, pp. 75-95) e que, embora aportando muita informação relevante, particularmente no que respeita à implantação e grau de conservação de diversas infraestruturas, cronologias de construção, abandono e transformações posteriores, deixa ainda várias questões em aberto.

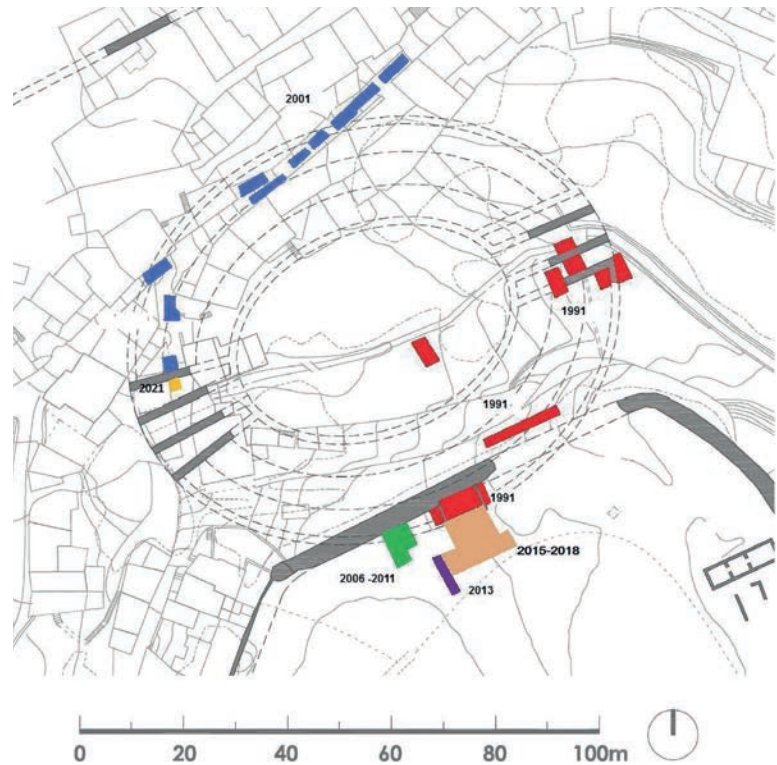


Fig. 1
Localização dos trabalhos arqueológicos na área do anfiteatro de Conimbriga (1991-2021).

III

Um quarteirão lúdico em Conimbriga?

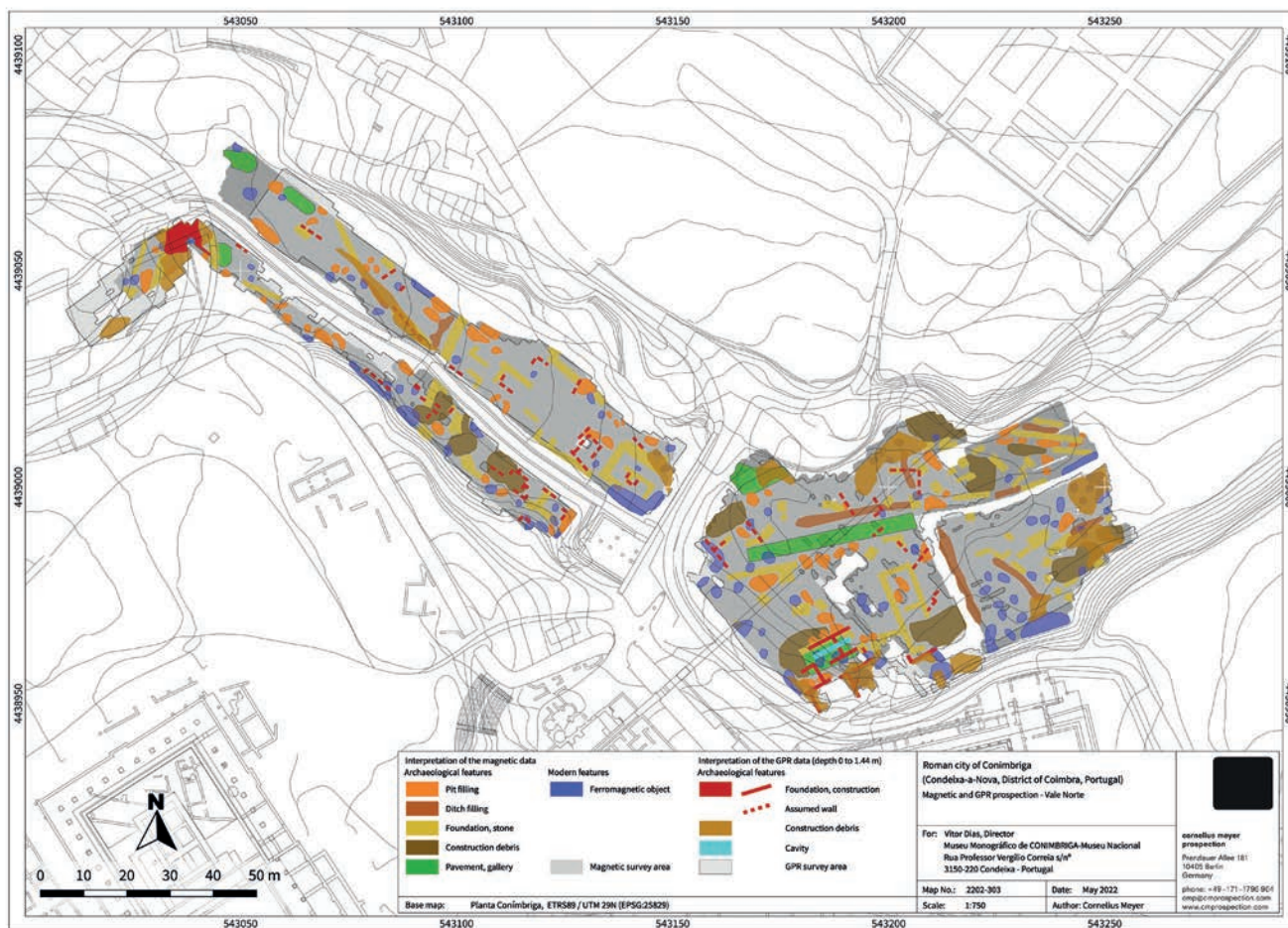
Nos últimos anos a análise de uma série de pequenos indícios, nomeadamente topográficos, levou a equacionar a possibilidade da existência de um quarteirão lúdico em Conimbriga, situado no Vale Norte (Alarcão, 2011; Correia, 2021, p. 13; Ferreira, 2023, pp. 77-78). Às suposições que se foram acumulando tivemos a possibilidade de acrescentar a informação fornecida pelo levantamento geofísico realizado na primavera de 2022, complementado posteriormente por sondagens de diagnóstico (Ferreira *et al.*, 2023).

3.1 A prospeção geofísica

Os trabalhos de prospeção geofísica decorreram em maio de 2022, a cargo da empresa Cornelius Meyer Prospection, tendo como objetivo geral a deteção de potenciais anomalias geofísicas que pudessem traduzir eventuais contextos arqueológicos na área em estudo (Fig. 2). Pretendia-se, desta forma, a identificação e interpretação de ocorrências arqueológicas e patrimoniais.

Estes trabalhos contemplaram a aplicação de duas metodologias distintas, mas complementares: prospeção geomagnética e por GPR (Ground Penetrating Radar). Os resultados foram apresentados através de interpretação vetorizada dos dados resultantes dessa prospeção geofísica com a identificação das áreas edificadas, comparando os resultados com as características urbanísticas de outras cidades romanas estudadas (Meyer, Sala & Rodríguez Simón, 2023).

Fig. 2
Resultados da prospeção geofísica no Vale Norte de Conimbriga (retirado de Meyer, Sala e Rodríguez Simón, 2023).



3.2 As sondagens de diagnóstico

Na sequência dos trabalhos de prospeção geofísica e considerando a riqueza da informação obtida, a equipa decidiu levar a cabo sondagens de diagnóstico na área que valorizamos como hipotético quarteirão lúdico e na qual admitimos que possa ter sido implantado um teatro.

Foram marcadas 3 sondagens situadas numa zona plana situada a poente do Viaduto tendo como principal objetivo o diagnóstico e validação das anomalias identificadas nos trabalhos de prospeção geofísica (Fig. 3).

Os trabalhos iniciaram-se com recurso à decapagem mecânica, que removeu os níveis superficiais (estéreis, modernos e contemporâneos, tendo os níveis mais antigos sido escavados de forma convencional até expor estruturas arqueológicas/geológicas. Sublinhe-se que, com estas sondagens, não se pretendeu determinar todo o potencial estratigráfico do sítio, mas apenas avaliar da possível existência de níveis arqueológicos antigos e do respetivo estado de conservação.

Sondagem 1

A realização desta sondagem (10 m x 4 m) teve como objetivo particular a validação de uma anomalia identificada como uma estrutura de alvenaria.

Os níveis postos a descoberto eram constituídos exclusivamente por terra castanha solta e homogénea, tendo sido individualizados em quatro unidades estratigráficas distintas. Os 3 níveis superiores parecem documentar uma ocupação moderna ou contemporânea. O estrato inferior, no qual se recolheu um conjunto de cerâmica doméstica comum e 7 fragmentos de *terra sigillata* de fabrico hispânico, está associado ao abandono/destruição do único muro detetado na sondagem, medindo 1,76 m x 0,86 m. Trata-se de um muro que reutilizou vários materiais na sua construção, nomeadamente fragmentos



Fig. 3
Em cima
Implantação das sondagens 1, 2 e 3 realizadas em 2022 no vale norte de Conímbriga e sua relação com o Anfiteatro (sobre base do Google Earth).

Em baixo
Vista geral da sondagem 3.

de blocos calcários e cerâmica de construção (*tegulae* e *imbrices*). Situado a mais de 2 m de profundidade, deverá atestar a anomalia sugerida pelos trabalhos de geofísica. Ainda que esta estrutura, muito débil, não permita sugerir a existência de um edifício monumental no local, a grande dimensão dos elementos lapidares descobertos permite supor a existência de um monumento nas imediações, constituído por grandes blocos de pedra.

Sondagem 2

O objetivo particular da sondagem 2 (c. 2,70 m x 7,50 m) consistia em atestar a anomalia geofísica que indicava a presença de um muro (com orientação SO-NE) associado a outras construções dispostas perpendicularmente. Tal como na sondagem 1, a estratigrafia observada permitiu definir vários níveis de enchimento de época moderno-contemporânea.

No lado sul da sondagem, observou-se um muro com 3,32 m x 4,07 m, constituído por blocos calcários de média dimensão, apenas com terra de permeio. Observou-se a inclusão de um fuste de coluna reaproveitado, mas é difícil perceber os contornos exatos do alinhamento. O muro está associado a um nível de ocupação constituído por terra solta, de cor castanha-escura, com numerosos nódulos de calcário e argamassa, mas sem material arqueológico associado.

O método de construção observado, caracterizado pelo uso de cantaria reutilizada, sugere que os edifícios de onde foram retirados estão próximos e já se encontravam amortizados. A ausência de materiais cerâmicos nesta sondagem obstou à proposta de uma datação para estes elementos. A estratigrafia permite-nos associar esta construção ao mesmo período que o nível de destruição/abandono observado na sondagem 1. É possível, mas ainda incerto, que esta construção date de um período posterior à ocupação romana.

Sondagem 3

A sondagem 3 (7,75 m x 5,5 m) foi implantada nas imediações do *Lagar*, mais concretamente a NO. A sondagem revelou a existência de uma estrutura mural, já detetada no levantamento geofísico, composta por dois muros que formam um ângulo reto (cf. Figura 3). O primeiro com orientação NE/SO mede 2,90 m x 0,30 m; o segundo, com orientação NO/SE mede 2,42 m x 0,35 m. A presença de muros construídos segundo técnicas já conhecidas na cidade antiga permite supor que este sector terá sido ocupado no período romano.

Os resultados das sondagens 1 e 2 permitem apenas atestar a existência de vestígios dispersos, saídos talvez de construções monumentais, e documentar a sua reutilização. A proximidade de grandes edifícios como o anfiteatro ou o fórum poderiam explicar a presença de blocos de pedra de grandes dimensões e do fuste de coluna identificados na Sondagem 1. Se estes indícios são bastante frágeis para propor um teatro para este sector, outros encorajam-nos a ter em conta essa eventualidade: o viaduto poderia ter integrado um edifício mais importante, do qual poderia igualmente fazer parte o edifício conhecido habitualmente e de forma errónea sob a designação de *Lagar*. Escavado, sem registo, pela Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais entre 1939 e 1944, o edifício ostenta como marca distintiva a presença de uma série de pilares erguidos no seu interior. O seu formato poderia evocar eventualmente uma basílica teatral ou um *parascaenium* adjacente a um *aditus*, constituído pela entrada sob o viaduto (Ferreira, 2023, p. 78). Com efeito, a forma e a disposição destes dois monumentos recorda características próprias da arquitetura teatral romana (Figs. 4 e 5).

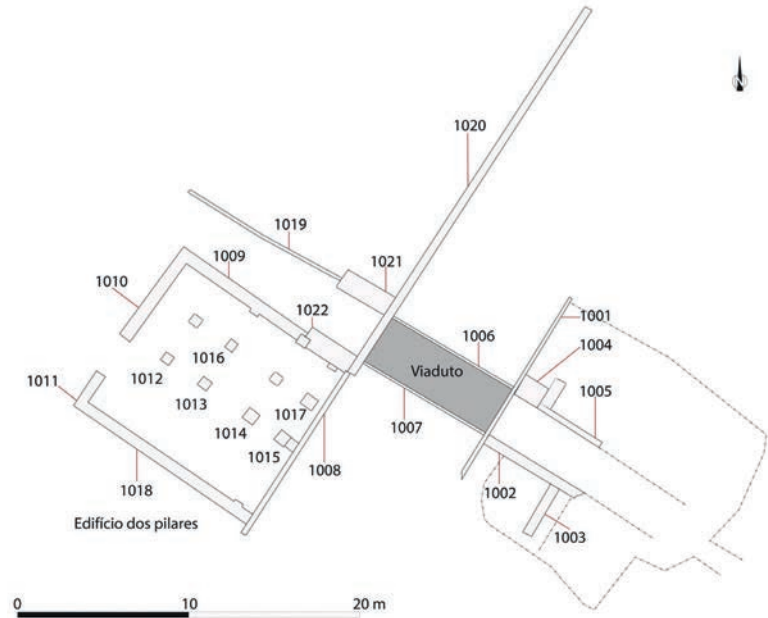


Fig. 4
Em cima
Edifício dos pilares e do viaduto, com a numeração dos muros.

Em baixo
Vista geral do edifício dos pilares.

Diversas hipóteses foram baralhadas a favor ou contra a possibilidade da existência de um teatro nesta zona da cidade (cf. infra 3.3), nomeadamente a análise topográfica, com uma encosta desenhando um semicírculo na parte noroeste do vale e um desnível de mais de 15 metros entre a sua cota superior e as estruturas detetadas mais abaixo, na Sondagem 3. Todavia, os resultados desta sondagem convidam à prudência: os muros superficialmente identificados parecem ser em pedra seca, sugerindo uma cronologia mais tardia do que a estimada para a implantação do teatro. Se esta parece a localização ideal para uma cávea, nada autoriza para já esta hipótese.



Fig. 5
O viaduto,
estrutura que pode
ter funcionado como
aditus maximus
do teatro.
© Arlindo Homem.

3.3 A possibilidade da existência de um teatro em Conimbriga

A hipótese da existência de um teatro em Conimbriga foi colocada publicamente pela primeira vez por P. Alarcão em 2008, no âmbito de um exercício de restituição do urbanismo da cidade e, em concreto, baseando-se em vestígios identificados em fotografias aéreas da zona norte da cidade (Alarcão, 2011; retomando Alarcão 2018, vol. I pp.37-38, vol. II, pp.59-61).

Ponto fundamental nesta hipótese é a associação deste possível edifício de espetáculo ao anfiteatro, na conjugação de um “quarteirão lúdico”. Um tal quarteirão existe, como é sabido, na capital da província, *Augusta Emerita* (Golvin, 1988, pp. 109-110, nº 77), e, no caso conimbrigense, a aparente intencionalidade do traçado da muralha alto-imperial em incluir o vale de Condeixa-a-Velha no seu perímetro, com o objetivo óbvio de permitir a construção do anfiteatro (Correia, 1994, p. 329), estende-se também ao conjunto.

A hipótese levanta três questões básicas, que são outros tantos testes de falsificabilidade. Só nestas condições ela pode considerar-se científica e se justifica a sua discussão:

a) a primeira questão é a da real existência de um teatro em Conimbriga, de que não se conhecem para já vestígios concretos. Mas a idoneidade da uma localização possível, no mencionado contexto do vale norte de Conimbriga é um elemento não negligenciável;

Outra hipótese avançada durante os trabalhos de campo e talvez mais coerente com os resultados da prospeção geofísica: a parte inclinada do teatro teria sido implantada do lado oposto, a sudeste do vale, explicando assim o desvio significativo da muralha tardo-romana neste sector e permitindo interpretar as anomalias curvilíneas identificadas pela geofísica como os muros concêntricos que formam os caixotões da *cavea*. Se esta hipótese se vier a revelar correta, será necessário redefinir o papel desempenhado pelo *Lagar* e pelo viaduto na sua estrutura arquitetónica.

b) a segunda questão é a da localização mais provável para o teatro, dentro do contexto geomorfológico identificado. Do ponto de vista prático, há duas localizações possíveis: a proposta por P. Alarcão, com duas variantes (Alarcão, 2011) e a proposta por V. H. Correia (2021, p. 213); seguida e desenvolvida, introduzindo também variantes, por Ferreira (2023, p. 78);

c) a terceira questão, que é parcialmente dependente das anteriores (mas só parcialmente) é a da plausibilidade da existência de um quarteirão lúdico, que poderia até, eventualmente, ter sido projetado, ou só desejado pelas elites locais, e nunca construído na sua totalidade.

A primeira questão pode dar-se por assente. É possível que tenha existido um teatro em Conimbriga que, nas condições impostas à cidade pela construção da muralha do Baixo-Império, tenha sido substancialmente aproveitado como fonte de material de construção e os seus vestígios obliterados por essas demolições e pela subsequente deposição de solos, como aliás se verifica extensamente no próprio anfiteatro. Parece ser esta também a situação com um possível fórum municipal da cidade (Correia, 2009, pp. 399-401).

No que diz respeito à segunda questão, devem examinar-se as duas hipóteses de localização alternativas:

- A oeste do anfiteatro. Os vestígios que indicam a possível localização do teatro a poente do anfiteatro são indiscutíveis, em fotografia aérea e no terreno. A sua natureza, no entanto, está longe de ser certa. A orientação da possível *cavea* poderia considerar-se canónica, mas não a localização do monumento: a posição do teatro entre o anfiteatro e uma porta da cidade seria *sui generis* e a restituição dos acessos, tanto quanto o conhecimento parcelar desta parte da cidade permite afirmar, colocaria o monumento numa posição algo marginal, acedido por ruas secundárias relativamente aos principais eixos viários.

- A leste do anfiteatro. As objeções apontadas configuram os principais argumentos a favor da localização a leste do anfiteatro. A via de acesso a este monumento regeria a *scaenae frons*, e o teatro ficaria em posição muito mais cêntrica relativamente à estrutura da cidade. No entanto, a orientação da *cavea* a sudoeste poderia ser considerada pouco favorável.

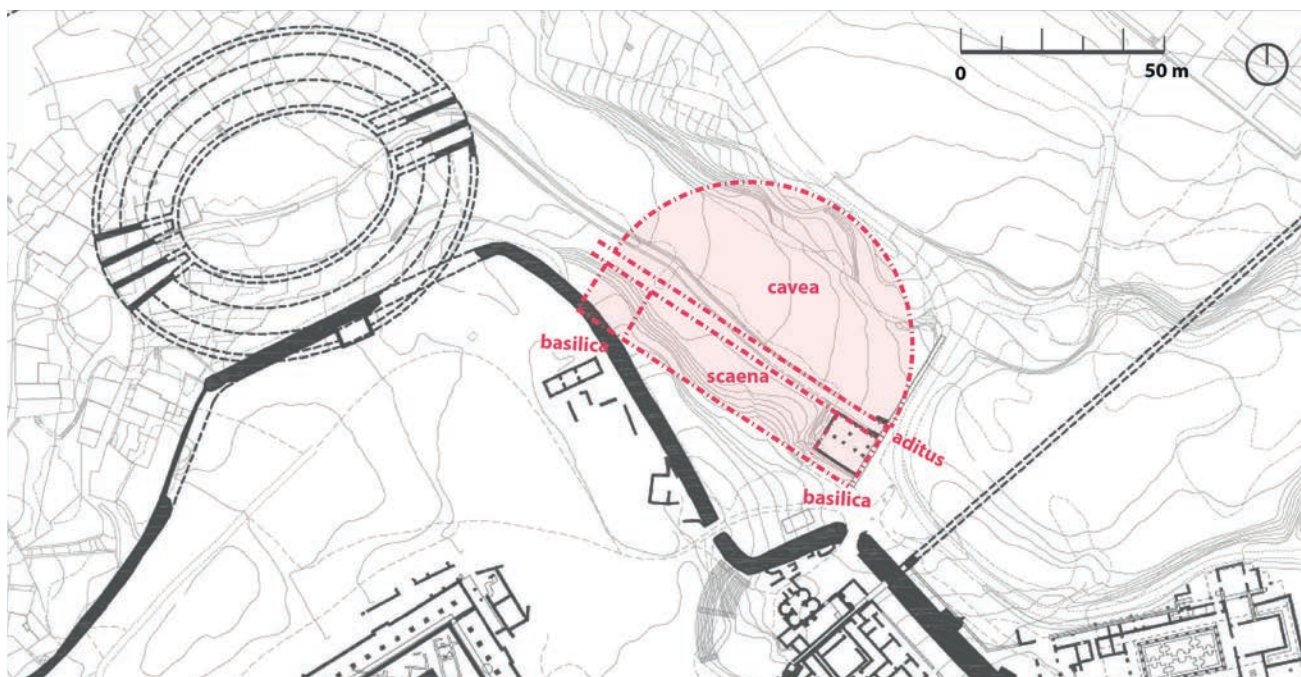
A investigação em curso não confirmou nem infirmou a segunda hipótese (e não abrangeu a área da primeira), mas a prospeção geofísica e os materiais identificados nas sondagens levadas a cabo na sua sequência revelam a existência de construções monumentais na zona: São restos do teatro? São efeitos periféricos da presença do anfiteatro e da sua demolição? Devem aguardar-se mais evidências.

Dois elementos associados a esta hipótese são a presença do edifício dos pilares (o *Lagar*), construído adossado ao viaduto e o próprio viaduto. O primeiro só muito recentemente foi objeto de uma verdadeira análise arqueológica (Ferreira, 2023, pp. 30-49, 74). Num determinado momento, propôs-se a sua identificação

como *choragium*, ligado ao anfiteatro (Correia, 1994, p. 329; hipótese abandonada em Correia, 2021, p. 213 n. 7), contudo a presença de um único acesso a este espaço recorda certos *parascaenia* que funcionavam como camarim e a sua *versura* (a passagem que conduzia diretamente à cena), situação em que se poderia encontrar algum paralelismo formal com a *versura* oriental do teatro de Mérida. Todavia, esse paralelismo padece de um problema cronológico: o caso emeritense data de finais do século IV ou inícios do século V (Durán, 1998, pp. 168-173); o conimbrigense, ao estar situado fora da muralha baixo-imperial, será anterior a ela, pelo que não ultrapassará os inícios do século IV. Por outro lado, a passagem inferior sob o viaduto poderia corresponder a um *aditus*, uma passagem para o acesso à *orchestra*, para o qual existem vários paralelos (Fig. 6). Por fim, a canalização que corre ao longo daquela passagem inferior, e que logo mais à frente é desviada, recorda as instalações hidráulicas de vários teatros cujas canalizações contornam a *ima cavea* ou são desviados para a *orchestra*. É outro problema que só a continuação da investigação permitirá solucionar.

A terceira questão é a da plausibilidade da existência de um quarteirão lúdico em Conimbriga, em parte dependente das outras duas questões já tratadas, mas noutra parte independente. O problema independente é, sobretudo, historiográfico e deriva da aplicação geral do princípio genético dos edifícios congêneres na própria Roma: uma precedência do teatro (permanente) relativamente ao anfiteatro, também plasmado numa sensível preeminência social do teatro relativamente ao anfiteatro.

Fig. 6
Inserção hipotética
de um teatro no Vale
Norte de Conimbriga.



O problema, tal como foi sumariado para a vizinha *Aeminium*, coloca-se em que: “Como capital de *civitas*, deve ter tido teatro e poderá ter tido anfiteatro” (Alarcão 2008, p. 51). Isto é paradigmaticamente ilustrado pelo urbanismo de Pompeia, com os teatros localizados junto ao núcleo urbano antigo da *Regio VIII* e o anfiteatro relegado para um extremo da colónia sulana. E em *Emerita*, apesar da estreita ligação urbanística entre teatro e anfiteatro, o primeiro desempenhou um papel de extrema relevância no culto imperial na cidade, o que parece não ter acontecido com o segundo.

Mas há abundantes exemplos, nomeadamente na Lusitânia, de capitais de *civitas* que não tiveram teatro e foram providas, em distintos momentos da sua vida, de anfiteatros. E não parece demasiado arriscado avançar a hipótese de que terão existido *civitates* que nunca tiveram quaisquer edifícios de espetáculo nas suas capitais. O problema não é, portanto, o das dificuldades de aplicar um determinado modelo às vicissitudes da preservação das evidências, mas sim o de colocar a evidência disponível num *continuum* de soluções urbanísticas possíveis (o que volta a colocar a terceira questão na dependência das duas primeiras).

Ora, a arqueologia de Conimbriga já revelou claramente a intencionalidade permanente das elites da cidade na escolha de modelos do urbanismo da capital provincial e, mediatamente, da própria Roma, na permanente renovação do núcleo urbano, pelo menos desde o reinado de Augusto até ao de Adriano (Correia, 2018, *passim*), ou seja, numa aposta na extremidade alta do *continuum* referido. Esta *aemulatio*, que é o fenómeno pelo qual a romanização efetivamente acontece, certamente que não poderia deixar de acontecer no domínio performativo público e nos monumentos a ele destinados, até porque esse era um domínio de excelência para a integração social e cultural procurada, quer pelos locais, quer pelo Império.

Neste sentido, a existência de um quarteirão lúdico em Conimbriga parece mais do que plausível, parece provável, acrescentando dessa forma as responsabilidades da investigação na determinação da sua morfologia e características.

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, Jorge de (2008) – *Coimbra. A montagem do cenário urbano*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

ALARCÃO, Pedro (2011) – Entre a razão e a intuição: contribuições para a identificação do teatro romano de Conimbriga. In DIAS, Lino Tavares; ALARCÃO, Pedro, eds. - *Interpretar a Ruína. Contribuições entre campos disciplinares*. Porto: FAUP Publicações, pp. 133-146.

ALARCÃO, Pedro (2018) – *Conimbriga. Para além da Ruína*. Porto: Afrontamento. Volumes I e II.

ALMAGRO, Martín e ALMAGRO GORBEA, Martín (1994) – El anfiteatro de Segobriga. In ALVAREZ MARTÍNEZ, José Maria e ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, Juan Javier, coord.- *El anfiteatro en la Hispania Romana*: Mérida: Junta de Extremadura, pp. 139-176.

BENDALA GALÁN, Manuel e DURÁN CABELLO, Rosalia (1994) – El anfiteatro de Augusta Emerita: rasgos arquitectónicos y problemática urbanística y cronología. In ALVAREZ MARTÍNEZ, José Maria e ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, Juan Javier, coords.- *El anfiteatro en la Hispania Romana*. Mérida: Junta de Extremadura, pp. 247-264.

CORREIA, Virgílio Hipólito (1994) – O anfiteatro de Conimbriga. Nota preliminar. In ALVAREZ MARTÍNEZ, José Maria e ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, Juan Javier, coords. - *El anfiteatro en la Hispania Romana*. Mérida: Junta de Extremadura, pp. 327-344.

CORREIA, Virgílio Hipólito (2009) – Os espaços forais de Conimbriga. In MATEOS, Pedro; CELESTINO, Sebastián; PIZZO, Antonio e TORTOSA, Trinidad, eds. - *Santuarios, oppida y ciudades: arquitectura sacra en el origen y desarrollo urbano del Mediterraneo Occidental*. Madrid/Mérida: CSIC/IAM, pp. 397-406.

CORREIA, Virgílio Hipólito (2018) – Emerita e as cidades na origem da Lusitânia. In NOGALES BASARRATE, Trinidad; BARRERO MARTÍN, Nova, eds. - *La fundación de Augusta Emerita y los orígenes de Lusitania*. Mérida: Fundación de Estudios Romanos, pp. 173-188.

CORREIA, Virgílio Hipólito (2019) – Desenvolvimento das escavações arqueológicas em Conimbriga (DEARCON, 2012-2018): apreciação sumária dos trabalhos e resultados, Revista Portuguesa de Arqueologia. Lisboa, 22, pp. 167-178.

CORREIA, Virgílio Hipólito (2021) – Recensão a Alarcão 2018. *Humanitas*. Coimbra, 77, pp. 211-215. Disponível na Internet: https://doi.org/10.14195/2183-1718_77_10.

CORZO SÁNCHEZ, Jorge Ramón. (1994) – El anfiteatro de Italica. In ALVAREZ MARTÍNEZ, José Maria e ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, Juan Javier, coord. - *El anfiteatro en la Hispania Romana*, Mérida: Junta de Extremadura, pp. 187-211.

DE MAN, Adriaan (2006-2007) – Novos elementos pós-clássicos do Anfiteatro de Conimbriga, Portugal. Porto, ns. 27-28, pp. 59-67.

DURÁN CABELLO, Rosalia (1998) – *La última etapa del teatro romano de Mérida*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.

FERREIRA, Filipe (2023) – *Rapport d'activité – Projet LUDERE – Le quartier des spectacles de la ville de Conimbriga – Campagne 2022* (Relatório anual). Paris/Madrid: IRAA/Casa de Vélázquez [Em linha]. Disponível na Internet: <http://hdl.handle.net/10400.26/43159>

FERREIRA, Filipe; SILVA, Ricardo Costeira; RUIVO, José; DIAS, Vítor (2023) – Nouvelles recherches luso-françaises à Conimbriga (Condeixa-a-Velha, Portugal). Résultats des campagnes 2021 et 2022, Bulletin Archéologique des Écoles françaises à l'étranger. [Em linha]. Disponível na Internet: <https://journals.openedition.org/baefe/9555>.

FRADE, Helena; PORTAS, Clara (1994) – A arquitectura do anfiteatro romano de Bobadela. In ALVAREZ MARTÍNEZ, José Maria e ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, Juan Javier coord. - *El anfiteatro en la Hispania Romana*. Mérida: Junta de Extremadura, pp. 349-371.

GOLVIN, Jean-Claude (1988) – *L'amphithéâtre romain. Essai sur la théorisation de sa forme et de ses fonctions*. Paris: De Bocard.

MEYER, Cornelius ; SALA, Roger; RODRÍGUEZ SIMÓN, Pedro (2023) – *Geophysical prospection in the roman city of Conimbriga (Condeixa-a-Nova, District of Coimbra, Portugal) - Report 2202/2022*, Berlin, 2023.

PÉREZ BALLESTER, José; SAN MARTÍN MORO, Pedro A.; BERROCAL CAPARRÓS, Carmen (1994) – El anfiteatro romano de Cartagena (1967-1992). In ALVAREZ MARTÍNEZ, José Maria e ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, Juan Javier, coords. - *El anfiteatro en la Hispania Romana*. Mérida: Junta de Extremadura, pp. 91-118.

RUIVO, José; CORREIA, Virgílio Hipólito, DE MAN, Adriaan; REIS, Pilar (2018) – O anfiteatro de Conimbriga (Coimbra, Portugal): Balanço da recente investigação. In SOARES, Carmen; BRANDÃO, José Luís; CARVALHO, Pedro Cardoso de, eds. - *História Antiga: Relações interdisciplinares. Paisagens urbanas, rurais e sociais*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 75-95.

RUIVO, José; CORREIA, Virgílio Hipólito; DE MAN, Adriaan (2021) – A cronologia da muralha Baixo-Imperial de Conimbriga. In RUIVO, José e CORREIA, Virgílio Hipólito, eds. - *Conimbriga Diripitur: Aspectos das ocupações tardias de uma antiga cidade romana*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 11-24.

RUIVO, José; CORREIA, Virgílio Hipólito; ROQUINHO, Pedro (2023) – Novas inscrições da muralha de Conimbriga (prov. Lusitânia, Portugal), *Humanitas*, Coimbra: 84, pp. 81-117.

SILVA, Ricardo Costeira, PEÇA, Pedro (2021) – Um projecto arqueológico para o Vale Norte de Conimbriga (2020-2023): os primeiros passos. *Algar – Revista de Cultura*, Condeixa-a-Nova: 8, pp. 57-65.

O anfiteatro de Ammaia, *National Geographic Portugal* [Em linha]. Disponível na Internet: https://www.nationalgeographic.pt/historia/o-anfiteatro-ammaia_2908.



ABSTRACTS

PERFORMANCE ROMAN BUILDINGS IN *LUSITANIA*

Trinidad Nogales Basarrate

A study on the state of the art of performance buildings in the western Hispanic province of *Lusitania*. Recent archaeological work has uncovered some unknown examples of new performance buildings. The known and unknown examples, their constructional and decorative peculiarities, as well as the possible relationships between the *officinae* that carried out these projects, which were in charge of the provincial administration, are analyzed.

ORIGINAL ARTICLE – PAGE 18

METELLINUM

Public performances buildings

Santiago Guerra Millán

The Roman city of *Metellinum* is located in the current town of Medellín (Badajoz, Spain). It is a strategic place and, therefore, it houses a magnificent archaeological complex made up of prehistoric, protohistoric, roman, islamic, late medieval, christian and modern-contemporary vestiges.

The purpose of this work is to reflect the data that, nowadays, in november 2023, is known about the buildings for public performances of this roman colony in the Hispania Ulterior Lusitania Province. In this sense, the information we have about the Roman theatre of *Metellinum*, recently highlighted, is discussed, as well as the proposals for future investigations that are beginning to be developed to try to locate, in that archaeological site, other possible Roman buildings intended for public performance.

ORIGINAL ARTICLE – PAGE 46

ARCHAEOLOGICAL ANALYSIS OF THE THEATRE AND THE AMPHITHEATRE OF *AUGUSTA EMERITA* IN THE LIGHT OF NEW RESEARCH

Pedro Mateos Cruz

On the occasion of the centenary of the beginning of archaeological excavations in the Roman theatre and amphitheatre of Mérida starting in 1910, a research project has been developed that aimed to gain urban, architectural and chronological knowledge of these buildings. The project contemplated its planimetric and archaeological documentation through interventions at different points of the complex. A first result of this project is the publication of two scientific monographs on the *scaenae frons* and the *cavea* of the theatre, focused on the architectural, epigraphic, iconographic, etc. study of the building. On the other hand, for the first time, it has been possible to define a diachrony for the construction of the theatre that began in the Augustan era, with transformations in the Flavian-Trajan and Constantinian periods and which suffered amortization throughout the fifth century.

ORIGINAL ARTICLE – PAGE 66

COSTS AND PATRONAGE IN ROMAN THEATRES

Some considerations

Patrizio Pensabene
and Javier Á. Domingo

Theatres were one of the most representative buildings in Roman cities, as spaces not only for performances but also for the self-representation of the financing elites and the setting for certain ceremonies related to imperial worship. In addition, the “*imitatio Romae*” was given special emphasis through the use, where possible, of imported white and coloured marble or, failing that, of local stuccoed stones that evoked marble. While in Rome the promotion of theatrical buildings was imperial, in Italy and the provinces it was the local elites who were involved, sometimes even together with the city governments, which meant that the use of these materials was subject to the economic possibilities of the commissioners. In this study we analyse the implications of the various sources of financing for the importation of coloured marble for theatrical scenery from an economic perspective.

ORIGINAL ARTICLE – PAGE 88

THE VITRUVIAN LAYOUT AS A PREDICTIVE MECHANISM OF ROMAN THEATRICAL STRUCTURES

Salvador Lara Ortega

Vitruvius related in his treatise a geometric procedure for the typological situation of the different parts of a theatre. We have written a lot about whether it was applied and how, and in my opinion nothing is definitive. Among the difficulties are: the impressive diversity of theatres discovered in the Roman world, the reduced quality of their graphic surveys and above all the presence of construction phases and Roman reforms that blur the original traces and which must be demarcated before drawing. But there is a forgotten problem. Vitruvius was explained in parallel with some drawings that were lost. We understand with half the information. This creates a new mystery for the understanding of the Vitruvian texts, perhaps prior to the previous ones: knowing what the missing drawing looked like. This article traces the illustrations that the most important translations of the treaty drew to fill in that lack; concluding that there are two different ways of understanding the layout that require reconciliation.

ORIGINAL ARTICLE – PAGE 110

SINGULARITIES AND DIVERSITIES OF THE SCENIC BUILDING

The case of Lisbon's Roman theatre

Lidia Fernandes, Carolina Grilo and Patrícia Brum

This work presents an overview of the Roman theatre of Lisbon and its main characteristics. This Roman building, identified in the aftermath of the 1755 earthquake, has been the object of archaeological excavations since the 60s decade of the last century, which ended in the opening of the Museum of the Roman Theatre in 2001. In the present-day, it was renamed Museum of Lisbon – Roman Theatre after remodelling works between 2013 and 2015. Aspects related to the construction systems of the Roman monument are discussed, specifically its planimetry, architectural characterization and ornamental program, as well as the symbolic aspects of the architectural complex and its integration in the urbanism of the ancient city Roman of *Felicitas Iulia Olisipo*.

ORIGINAL ARTICLE – PAGE 132

THE ROMAN THEATRE OF *BRACARA AUGUSTA*

Manuela Martins, Ricardo Mar
and Fernanda Magalhães

This article presents the state of the art on the Roman theatre of *Bracara Augusta*, which was identified in 1999 and partially excavated between 2002 and 2012. The characterization of the building was possible thanks to the extensive excavations carried out between 2004 and 2007, in the context of a preliminary theatre study project, which was funded by the PNTA. The excavations carried out at that time made it possible to identify part of the *cavea*, the *orchestra* and the theatre's scenic body. The data available from these different structural parts made it possible to evaluate the construction characteristics of the theatre and develop a drawing exercise of its floor plan.

ORIGINAL ARTICLE – PAGE 148

AMPHITHEATRE OF AMMAIA (MARVÃO)

A new recreational building in lusitania
- CNS 300 / IPA.00001844

Carlos Fabião, Nova Barrero Martín, Amílcar Guerra,
Trinidad Nogales Basarrate, Catarina Viegas,
José Maria Murciano and Joaquim Carvalho

The *Ammaia* amphitheatre was built on a slope on the northwest *suburbium* of this Roman city. It constitutes a typical example of this type of building in a small provincial town that, without resorting to *opus caementicium*, was built taking advantage of the land topography, on the one hand, and building embankments, on the other. Its building dates to the end of the Julio-Claudian dynasty or Flavian era and was in use until late in the 4th century.

ORIGINAL ARTICLE – PAGE 166

FURTHER NORTH, IN LUSITANIA

The amphitheatre of the *splendidissima civitas*
(Bobadela, Oliveira do Hospital)

Rui Silva and Pedro Carvalho

In the Beirão Plateau, just 3 kilometres west of the county seat (Oliveira do Hospital), lies the village of Bobadela. In its valley and in the middle of the floodplain, on a gentle rise next to the river Cavalos, the Romans founded their city: the *splendidissima civitas*. A splendid arch, a series of epigraphs dedicated to illustrious personalities from the region or to Roman gods, a considerable array of architectural elements, scattered around the historic centre, and a remarkable amphitheatre, are eloquent traces of the city's past. From the archaeological excavations in the 1980s, to the restoration and conservation process, between 2006 and 2008, the amphitheatre, which has been fully uncovered, has become an unmissable landmark on the national archaeological scene and in Roman Hispania, especially when it comes to public architecture and entertainment buildings.

ORIGINAL ARTICLE – PAGE 186

PERFORMANCE BUILDINGS IN CONIMBRIGA

Issues and challenges

Vítor Dias, Virgílio Hipólito Correia, José Ruivo,
Ricardo Costeira da Silva and Filipe Ferreira

In the last few years, the development of archaeological research using new methods and new interpretation approaches to buildings and structures of discussed function, has led to reflections on the hypothesis of a leisure and spectacle quarter existing in the North valley of Conimbriga. To the confirmed presence of an amphitheatre, is now added the possibility of the presence of a theatre.

ORIGINAL ARTICLE – PAGE 202

THE CÁPARRA AMPHITHEATRE

Ana María Bejarano Osorio

In the Roman city of Cáparra, some excavations have been developed. These actions have progressively revealed the vestiges of this urban centre next to the Via de la Plata. Among the buildings identified, the amphitheatre stands out, in the area outside the walls and close to the monumental southeastern gate of access to the city. Until today, this is the only entertainment building archaeologically registered. Its architectural plan and construction system adapted to the needs of the population of Cáparra and its surroundings. Besides the amphitheatre offered one of the spectacles that best defines Roman culture: the *ludi gladiatorii*.

ORIGINAL ARTICLE – PAGE 216

THE ROMAN CIRCUS OF MERIDA

Rocío Ayerbe Vélez and Félix Palma García

The Roman Circus of Merida is one of the most emblematic monuments of the city and one of the best preserved of the whole Empire. Since the beginning of the excavations in the circus by Mérida and Macías in 1919, a series of archaeological interventions have recovered the appearance and the complete architectural plan of the building. This article updates the current state of knowledge about the Merida's Roman circus and proposes a new chronology for the beginning of its construction.

ORIGINAL ARTICLE – PAGE 236

THE CIRCUS, SO-CALLED “HIPPODROME”, FROM MIROBRIGA (SANTIAGO DO CACÉM)

Research history and recent surveys

Felix Teichner, Filomena Barata
and José Carlos Quaresma

Mirobriga is a small *civitas* located in the south of the *provincia* of Lusitania, close to the coastal area of Sines and in the transition to the low-altitude mountain system that separates the Alentejo coast from the inland area. The Iron Age settlement was converted into a Roman town during the 1st century BC and 1st century AD, acquiring its early-imperial morphology roughly between the third quarter of the 1st century AD and the first half of the 2nd century AD, when the circus/hippodrome was built. This sector of the town's southern *suburbium* was investigated in the 1940s and 1960s, with re-analyses in the 1990s. Since 2021, the GeoMir project has made it possible to carry out non-invasive prospecting methods in the sector. A summary of the current results is presented in this article.

ORIGINAL ARTICLE – PAGE 250

ROMAN CIRCUS OF LISBON

Implantation and urban transformation

Lídia Fernandes and Carlos Cabral Loureiro

Some considerations on the Roman circus of *Olisipo* are presented. The analysis is intended to bring together the elements that have been presented on the subject and is based on some of the most relevant aspects of research: the place where the monument was built, from a geological and topographical point of view; its architecture and orientation, an aspect that we have already addressed previously, although new considerations are now presented and, finally, the relevance of its construction in the context of the urban development of *Felicitas Iulia Olisipo*.

Although some of the aspects discussed need to be confirmed in view of the few archaeological remains known, we cannot fail to underline the importance of this Roman monument in the city

ORIGINAL ARTICLE – PAGE 264

PLAYFUL REPRESENTATIONS ON LAMPS IN *AUGUSTA EMERITA* (BADAJOZ, SPAIN)

Alejandro González Blas

In this paper we will present a set of pottery lamps from interventions carried out in the city of *Augusta Emerita*. From an iconographic point of view, these materials show motifs related with the public spectacle buildings, with examples of *ludi circenses*, *ludi gladiatorii* and theatrical performances.

ORIGINAL ARTICLE – PAGE 286

A REREADING OF THE SO-CALLED “CASA DEL ANFITEATRO” IN *AUGUSTA EMERITA* (MÉRIDA, SPAIN)

Private *domus* or building
at the service of the *ludi*?

Ana M^a Bejarano Osorio and
Macarena Bustamante-Álvarez

The recent archaeological interventions developed in the so-called house of the Amphitheatre of Mérida are evaluated. In addition to presenting the preliminary results, a new hypothesis is proposed linked to the adjacent entertainment buildings that would delimit a private building serving the city's *ludi*.

ORIGINAL ARTICLE – PAGE 298

THE SLAVE ENVIRONMENT OF ROMAN *LUSITANIA*

An epigraphic view on spectacle buildings

Sílvia Teixeira

This work aims to explore the association between slave groups and spectacles, especially the theatrical plays and gladiatorial fights, which has been widely debated, given the complexity in determining the status of the individuals recorded in the inscriptions, not only when it comes to spectacles, but also in general. In order to do this, we compile and analyse the inscriptions pertaining to individuals placed in the slave environment, linked with the diverse types of spectacle buildings in Roman Lusitania. This repertoire will enhance our knowledge on the link between slave groups and this aspect of the Lusitanian-Roman sociocultural experience, enabling us to assess certain ideas disseminated in these topics' literature – namely the near-automatic association between gladiators and slaves.

ORIGINAL ARTICLE – PAGE 316

FIRST ARCHAEOLOGICAL EVIDENCE OF THE ROMAN (AMPHI) THEATRE OF ÉVORA?

The structures of the Vimioso palace

Leonor Rocha

The recent identification of a structure in *opus cementicium* that develops in two branches associated with a wall, built in dry stone, raises again the question of the existence of the Amphitheatre and/or Roman Theatre of Évora on this side of the Acropolis. It should be recalled that this location had previously been considered by Jorge de Alarcão (1983) and V. H. Correia (1992), based on the structure of this residential block.

The now evidences identified in the lower floor of the Vimioso Palace, near the Évora cathedral, in a requalification work of the Évora University, allow us to discuss this question again.

ORIGINAL ARTICLE – PAGE 326

THE GÓRGONA PROJECT – CORPUS OF ORNAMENTAL COATING LITHOTYPES IN *LUSITANIA*

Lídia Fernandes, Carolina Grilo, Patrícia Brum,
Jorge Sequeira and Manuel Francisco Costa Pereira

Over the last few decades, the study and trade of coating materials has acquired a prominent place in peninsular Roman archaeology and has demonstrated the importance of the trade, circulation, and distribution of these products in Hispania.

However, even though these material assemblages are abundant in their contexts of origin, they are still often neglected when compared to other collections and considered of lesser prominence, due to their fragmentation and uncertainties in their classification and correct identification. This is due to the lack of analyses that make it possible to correctly recognize their origin. Particularly in the case of Lusitania, this lack of references and classification of coating materials is evident, limited to a few sites, most of which are the result of ancient interventions.

The *Gorgona* project - a corpus of ornamental coating lithotypes from Lusitania - was born of the need to systematize and characterize the different cladding materials and lithotypes present in public and private architecture in the province of Lusitania.

The main objective of this project is to inventory and classify the cladding materials identified in the province, present in archaeological sites, museums and/or other locations, and to trace their origin, peninsular and/or imported, under typified criteria, with a view to precise characterization.

Currently in its initial phase, the project includes the development of a database for the different lithotypes represented in the province of Lusitania, starting with data referring to national territory, and seeks to systematize the data under well-typed classification criteria, with a view to their correct interpretation.

Resulting from an initiative by the Museum of Lisbon - Roman Theatre in partnership with LNEG/ Geological Museum and IST/UL - Décio Thadeu Museum and benefiting from the interdisciplinary nature of archaeology and geology, the analytical component, with the taking of samples and mineralogical and petrographic studies, is also being taken care of in order to create an informative reference corpus.

This data analysis tool will make it possible to create different levels of analysis, both in terms of determining origins and studying the circulation and trade networks of coating materials. It is also intended that this tool will encourage the development of studies on these materials, broadening their potential, from chronological data, quarrying, specialized workshops, commercial networks and circulation of materials, among others.

ORIGINAL ARTICLE – PAGE 338

THE CONSERVATION AND RESTAURATION AND SCULPTURE TECHNOLOGY IN FAVOUR OF EXPERIMENTAL ARCHAEOLOGY

- Which colours have painted the roman theatre? -

Marta Frade

With this article we intend to demonstrate all the phases of a project that began with a challenge made by the Museum of Lisbon - Roman Theatre to the Plaster Conservation and Restoration Laboratory of the Sculpture Degree of the University of Lisbon to reconstitute a capital, existing in the museum, which only had its support material, lacking its original aesthetics (ornamental plaster decoration). Taking as a starting point the identical capitals of Medellín (Spain), to carry out this project it was necessary to combine the area of conservation and restoration with the technologies of sculpture. All this work of Experimental Archaeology was embraced by the students with all respect and commitment, in classes held *in situ*, so that those who visited the museum could follow the whole process. It was a learning experience for both the students and me, where photographs were reinterpreted, concepts from two areas that are so different but that complement each other so well were united. The material and the techniques have always gone hand in hand. Finally, and as we know so well today, this integrated heritage was not white, but covered in the main colors: blue, red, yellow and green, which were wrapped in lime water. The whole project culminated in an exhibition that was a true "Open Class".

ORIGINAL ARTICLE – PAGE 356

THE SCALE MODEL OF THE ROMAN THEATRE OF LISBON

Carlos Cabral Loureiro

The premises that guided the construction of one of the central elements of the visiting circuit of the permanent exhibition of the Museum of Lisbon – Roman Theatre are presented: the scale model of the scenic monument and its implantation in the topography of the current hill of Castelo de São Jorge, in Lisbon.

The development methods and its phasing are exposed, and a brief analysis is made of the importance of this model as an instrument for the understanding and recognition of this important building in the Roman city of *Felicitas Iulia Olisipo*.

ORIGINAL ARTICLE – PAGE 364

FICHA TÉCNICA

Edição

EGEAC, EM I Museu de Lisboa
– Teatro Romano

Coordenação editorial

Lídia Fernandes

Projeto gráfico

atelier-do-ver

Revisão e edição de texto

Carolina Grilo, Lídia Fernandes,
Mónica Gomes, Patrícia Brum

Impressão

Rigor das Cores

Tiragem

500

ISSN

2184-6979

Ano

2025

Depósito Legal

465402/19

Textos

Alejandro González Blas
Amílcar Guerra
Ana María Bejarano Osorio
Carlos Cabral Loureiro
Carlos Fabião
Carolina Grilo
Catarina Viegas
Félix Palma García
Felix Teichner
Fernanda Magalhães
Filipe Ferreira
Filomena Barata
Javier Á. Domingo
Joana Sousa Monteiro
Joaquim Carvalho
Jorge Sequeira
José Carlos Quaresma
José Maria Murciano
José Ruivo
Leonor Rocha
Lídia Fernandes
Macarena Bustamante-Álvarez
Manuel Francisco Costa Pereira
Manuela Martins
Marta Frade
Nova Barrero Martín
Patrícia Brum
Patrizio Pensabene
Pedro C. Carvalho
Pedro Mateos Cruz
Ricardo Costeira da Silva
Ricardo Mar
Rocío Ayerbe Vélez
Rui M. Silva
Salvador Lara Ortega
Santiago Guerra Millán
Sílvia Teixeira
Trinidad Nogales Basarrate
Virgílio Hipólito Correia
Vítor Dias

COMISSÃO CIENTÍFICA SCIENTIFIC COMMITTEE

Edifícios de Espectáculo na Lusitânia Romana Congresso Internacional

André Carneiro

Universidade de Évora

António Pizzo

EEHAR - Arqueología, Escuela Española
de Historia y Arqueología en Roma, CSIC - EEHAR

Giulia Rossi Vairo

Universidade Nova de Lisboa

Lídia Fernandes

Museu de Lisboa - Teatro Romano

Pedro Alarcão

Universidade do Porto

Trinidad Nogales Basarrate

Museo Nacional de Arte Romano, Mérida

Vasco Mantas

Universidade de Coimbra



**MUSEU
DE LISBOA**

**PALÁCIO
PIMENTA**

**SANTO
ANTÓNIO**

**TEATRO
ROMANO**

**CASA DOS
BICOS**

**TORREÃO
POENTE**

Um museu. Cinco lugares. *One museum. Five places.*